



Crônica da Cidade

MARIA LÚCIA VERDI | maluverdi99@gmail.com

Galerias e flamboyants

Em Brasília não há ruas (bairros ou áreas) onde possamos encontrar uma galeria atrás da outra, flunar entre espaços de arte, como em tantas capitais. Em Pequim, os artistas ocuparam antigas fábricas russas e criaram uma área só de ateliers, o 798 Art Zone. Era estimulante ir de um espaço ao outro, conversando com os irreverentes jovens chineses.

Fui visitar as mostras atualmente em exibição na galeria Referência — o que de fato é, há anos, para a arte por aqui — na galeria 220W, no Prédio das Oficinas Especiais, da UnB. Na Referência, o fotógrafo mineiro Rodrigo Zeferino apresenta *Veia aberta à margem da estrada de ferro*, trabalho engajado com a denúncia da extração de minério de ferro e com o que isso vem ocasionando. O artista percorreu 1.700 km fotografando o escoamento do minério entre o Pará e Minas Gerais, registrando o quanto a estrada de ferro destruiu e modificou ao seu entorno e o modo de vida dos habitantes. Zeferino intervém nas imagens, colocando o próprio minério em espaços estratégicos das

fotos, ou salpicando-as com ele. A mostra recebeu o Prêmio Marc Ferrez, da Funarte e merece ser vista seja pelo lado político, seja pelo olhar do fotógrafo, que lida belamente com a luz das imagens, conseguindo, em algumas, até mesmo mostra o lvrismo que pode existir, ainda que em situações conflitivas.

Outros dois fotógrafos estão na 220W e muito me surpreenderam. Fred Lamego, com olhar desconstrutor, recorta espaços arquitetônicos em diversas capitais, neles buscando reflexos, luzes, sombras e angulações inusitadas. O curador, Léo Tavares, escreve: “O objeto fotografado se complexifica em desvios, abraçando como parte da poética o que seria pura interferência. A

ambiguidade, portanto, assim como o embaralhamento de limites entre dentro e fora faz com que o espaço se converta em um campo de incerteza”.

Dalton Camargos, conhecido diretor da galeria Alfinete, traz Entre Notas — modos de atravessar o tempo, reunião quase despretensiosa do que o refinado olhar do artista registra em suas andanças — uma poética do instante, a dialogar perfeitamente com os quase invisíveis textos de Gregório Soares (respirações poéticas de uma linha cada), colocadas próximas às fotos, como provocação. Ainda na 220W, vi *diphylleia grayi*, da brasiliense Julia Sant’Anna. Desenhos bordados com linha preta em leves

panos transparentes, que se movem com o ar. Não percam essas três mostras.

Na Referência, também está *Fofoca*, com oito artistas mulheres, a maioria do DF. O nome me inquietou, mas o texto da curadora Samantha Canovas o justifica bem e me fez lembrar o que José Saramago, em algum lugar, disse: “A conversinha das mulheres faz o mundo girar.” E no caso das artistas, gira muito, pois são completamente diversas. Destaco, de Raquel Nava, a poética de seu objeto *Xenophora*, bem como o trabalho criticamente feminino de Clarice Gonçalves e o da instigante Bárbara Paz. Mas todas merecem ser vistas. Vale flunar sobre quatro rodas por Brasília, entre arte e flamboyants.

INSEGURANÇA / Dados da Secretaria de Segurança Pública mostram que 73% das vítimas de homicídio na região, em 2023 e 2024, são pessoas em situação de rua. Especialistas comentam sobre vulnerabilidade e desumanização

Violência nas ruas do Plano Piloto

» CARLOS SILVA

A vulnerabilidade de quem vive nas ruas do Distrito Federal tem refletido de forma alarmante nas estatísticas criminais. Entre 2023 e 2024, 73% das vítimas de homicídios registrados no Plano Piloto eram pessoas em situação de rua, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF). O mesmo grupo também aparece com destaque entre os autores de assassinatos: 60% dos homicidas identificados nesse período estavam em condição de rua. No total, 15 homicídios consumados foram contabilizados nesses dois anos. Em mais de sete em cada dez casos, houve envolvimento direto de pessoas em situação de rua, seja como vítimas, seja agressores.

A Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes-DF) estima que o Distrito Federal tenha, atualmente, 3.521 pessoas vivendo em situação de rua, de acordo com o estudo mais recente do Instituto de Pesquisa e Estatística do Distrito Federal (IPEDF). A pesquisa mostra que a maior concentração está no Plano Piloto, com 897 pessoas (25,5%), seguido por Ceilândia (719), Taguatinga (307) e São Sebastião (255).

Em agosto, o impacto desse cenário foi sentido de forma trágica quando uma sequência de crimes violentos deixou um rastro de medo em Ceilândia. Em menos de oito horas, ao menos cinco ocorrências com características semelhantes foram

registradas em diferentes pontos da região. As vítimas — em sua maioria, pessoas em situação de rua — foram atacadas com golpes de faca durante tentativas de assalto.

Integração

De acordo com o professor de Direito do Ceub e especialista em segurança pública, Antônio Suxberger, é comum que parte da população associe, de forma equivocada, o risco de violência à presença de pessoas em situação de rua. Suxberger explica que os crimes contra essa população decorrem tanto da exposição nas ruas quanto de fatores sociais mais profundos, como o preconceito e a desumanização.

Ele observa que há dois tipos principais de violência: aquela que ocorre entre pessoas em vulnerabilidade, geralmente motivada por conflitos de território ou disputas patrimoniais, e a violência dirigida especificamente contra essas pessoas. “Nesse último caso, são comuns situações de disparidade entre agressor e vítima”, destacou.

O especialista também chama atenção para a necessidade de integração entre as áreas de segurança e assistência social. Embora existam protocolos e programas específicos, como o “Pés na Rua” e a Política Nacional Judicial de Atenção a Pessoas em Situação de Rua, Suxberger avalia que ainda há desafios para garantir cobertura ampla e contínua dessas ações. “A integração é neces-

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Moradores em situação de rua na Comercial da 302/303 Sul

sária, mas depende da priorização dessas políticas e da redução das desigualdades sociais — uma das chagas mais graves do país, que se reflete diretamente na violência sofrida e praticada por essa população.”

Desigualdade

Para a professora Maria Elaene Rodrigues Alves, do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília (UnB), a situação é reflexo direto das contradições sociais do Distrito Federal. “O aumento da população em situação de rua é expressão das contradições estruturais do capitalismo brasileiro.

“Desde 2016, com o aprofundamento da crise e das políticas de

austeridade, o mercado de trabalho se tornou mais informal e instável. Muitos que viviam em quitinetes ou ocupações foram despejados. A pandemia agravou esse quadro, e a retomada econômica não alcançou os mais pobres”, avalia.

Quando questionada sobre os casos de violência envolvendo pessoas em situação de rua, Maria Elaene é enfática: a maioria é vítima, e não autora. “Os crimes que ocorrem entre essas pessoas devem ser compreendidos dentro da lógica da sobrevivência, e não da criminalidade. A ausência de políticas públicas, o desespero pela comida e pela proteção fazem com que pequenos conflitos ocorram, mas o aumento de assassinatos contra essa população é alarmante.”

Ações

Diante do aumento da população em situação de rua no Distrito Federal e da escalada da violência envolvendo esse grupo, a Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes-DF) afirma que tem intensificado ações de acolhimento e reinserção social. Apenas em 2024, os Centros Pop Brasília e Taguatinga realizaram 24,8 mil atendimentos, enquanto em 2025, até o momento, foram 18,5 mil.

Entre as ações emergenciais, a secretaria cita o abrigo provisório contra o frio, que funcionou durante dois meses no ginásio do Centro Integrado de Educação Física (Cief), na Asa Sul, com mais de 6,6 mil acolhimentos. Outro destaque é o Hotel Social, inaugurado em julho, que já registrou mais de 16 mil pernoites desde a abertura.

A Sedes também informa que as pessoas em situação de rua são inseridas no Cadastro Único (CadÚnico), sistema federal que permite o acesso a políticas sociais e benefícios, e que esse registro é realizado de forma permanente nas unidades socioassistenciais, como os Centros Pop, Cras e Creas. Além disso, a pasta reforça que mantém ações conjuntas com outras secretarias — como Saúde, Segurança Pública e Direitos Humanos — no âmbito do Plano Distrital para a População em Situação de Rua, com o objetivo de criar vínculos, prestar atendimento e acelerar o processo de saída das ruas, especialmen-

te no caso de famílias com crianças.

Entre as iniciativas mantidas pelo governo, estão o acesso gratuito aos 18 restaurantes comunitários do DF, o abrigo emergencial contra o frio, e o acolhimento com pernoite no Hotel Social, que oferece banho quente, duas refeições e transporte gratuito a partir do Centro Pop Brasília. O local também aceita animais de estimação, uma demanda frequente entre pessoas que vivem nas ruas.

Segundo o subsecretário de Inteligência da Secretaria de Segurança Pública do DF, Marcelo Portela, as pessoas em situação de rua enfrentam uma realidade de “vitimização extrema”, marcada por conflitos, vulnerabilidade e falta de acesso à cidadania básica. Ele explica que, além de serem vítimas de estigmas e preconceitos, essas pessoas estão mais expostas a riscos simplesmente por permanecerem em tempo integral nas vias públicas. “Não raramente, acabam se envolvendo em conflitos interpessoais entre os próprios pares, agravados pelo consumo de álcool e drogas. Alguns criminosos também se infiltram entre essa população, o que aumenta o potencial de violência”, pontuou.

Portela reforçou a importância de integrar políticas de segurança e assistência social para enfrentar o problema de forma efetiva. Segundo ele, o compartilhamento de cadastros entre órgãos e o incentivo à identificação civil são medidas fundamentais para reduzir a vulnerabilidade desse grupo.

MEGA-SENA

Brasilienses sonham com bolada de R\$ 95 milhões

» DAVI CRUZ

A corrida de quem será o novo milionário do país pode ter um capítulo final hoje, às 20h. Os apostadores do Distrito Federal que sonham em ganhar na Mega-Sena disputam o prêmio acumulado em R\$ 95 milhões. Brasilienses de todas as regiões da cidade ocuparam casas lotéricas e bancas para testar a fé em busca da bolada.

Entre os apostadores, o clima é de esperança. O aposentado Dionísio Amaral, 76 anos, foi um dos que entraram na fila de uma lotérica no Guará com o pensamento positivo. “Eu já acertei duas quadras, mas agora vai. Se eu ganhar, quero ajudar minha família, é meu sonho. Quero dar segurança para eles e investir com calma”, contou.

Ele relembrou que já teve sorte em outras apostas no passado e guarda até hoje o bilhete premiado da antiga loteria esportiva. “Ganhei uma vez na zebra do Flamengo, quando jogou com o Paysandu. O pessoal ria, mas eu



Apostadores, como seu Dionísio, têm até as 19h de hoje para jogar

acreditei e deu certo”, recordou, bem-humorado.

Tânia de Castro, 67, disse que joga toda semana e mantém o otimismo de que, em algum momento, a sorte vai bater à porta. “A gente joga com fé. Tenho

esperança de que um dia chegue”, contou. Segundo ela, o sonho é poder mudar a vida dela e da família. “Não sou muito de viajar, gosto mais de curtir a vida por aqui. Se eu vencer, vou abençoar a vida de todos os meus familiares”, afirmou, sorridente.

Outro concorrente ao prêmio, o aposentado Solon Antônio de Souza, 75, disse que joga com moderação, mas não perde a fé. “Na Mega, é difícil acertar os seis números. Mas já ganhei prêmios menores, e nunca parei de tentar, porque a esperança não pode morrer”, contou.

Caso vença, ele contou que tem destino certo para o dinheiro. “Vou pagar umas contas e comprar umas terrinhas lá no sul da Bahia. Quero ter uma fazenda cheia de frutas e bichos pra eu cuidar. Eu gosto de investir, gosto de trabalhar”, declarou.

A servidora pública Virginia Gleiva, 56, também mantém a confiança no bolão que organiza com os colegas de trabalho. “Já estamos indo para o terceiro

jogo consecutivo. Posso até não comer, mas jogar essa semana eu vou”, brincou. Caso a sorte chegue para o grupo, Virginia quer usar o dinheiro para transformar vidas. “Quero melhorar a vida de muita gente. Minha expectativa de ganhar é ser feliz e fazer muita gente feliz também. Não quero riqueza, só não quero contar trocado”, afirmou.

Apostas

Os interessados em conquistar o prêmio podem fazer as apostas até as 19h (horário de Brasília) de hoje, nas casas lotéricas credenciadas pela Caixa, em todo o país ou pela internet. O jogo simples, com seis números marcados, custa R\$ 5.

No último sorteio, realizado na quinta-feira (23/10), a modalidade da quina teve 138 apostas ganhadoras, e cada premiado receberá R\$ 22.307,65. A quadra registrou 6.897 acertadores, que vão receber, individualmente, um prêmio de R\$ 735,73.

Morre Dedé, famoso garçom do Bar do Magal

José Carlos Vieira/CB



Taguatinga Sul está triste. Morreu, ontem, José Maria Leite, o Dedé, 70 anos, garçom do Bar do Velho (Magal). Figura conhecida da cidade, Dedé não resistiu a um infarto fulminante logo de manhã, quando chegava no trabalho. “Antes de ser um colaborador, era um amigo da família do bar, amado por todos os fregueses, pelo seu humor e respeito no atendimento”, destaca Marcos Antônio, o Magal. Vindo do Rio Grande do Norte, Dedé chegou em Brasília nos anos 1970, para trabalhar na construção civil. Teve vários empregos na cidade, até ser convidado pelo Magal para ser colaborador no Bar do Velho, na CSD 3. Desde então, tornou-se uma referência na comunidade. Flamenguista fanático, gostava de brincar com os botafoguenses e tricolores que frequentavam o bar, sempre com respeito e fraternidade. O velório e o local do enterro não foram divulgados.

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em

» Campo da Esperança

Antonia Dias da Silva, 97 anos
Cinzas Lindoarte Antonio de Moraes, 74 anos
Deoclecio Paulo, 92 anos
Flora Jose da Silva, 94 anos
Genuina Rodrigues do Rego, 91 anos
Ivan Belda Benavente da Costa, 91 anos
Maria Angela Laboissier, 87 anos
Miguel Jose Dias de Souza, 61 anos

Moacyr Procopio Valle, 87 anos
Nat Francilia dos Santos Reis, menos de 1 ano
Tereza Maria de Sousa, 77 anos
Valter Magalhaes da Silva, 71 anos
Vanda Fraga de Oliveira, 78 anos

» Taguatinga

Adailson Teixeira de Sousa, 53 anos
Adriana Ferreira de Oliveira, 38 anos
Benedito Leandro de Jesus, 89 anos
Edilson Souto Rodrigues, 55 anos

Jefferson de Oliveira Fagundes, 15 anos
Jhon Franklin de Moraes Fiusa, 37 anos
Josenilson Barbosa, 68 anos
Julio Cesar Bessa de Brito Filho, 61 anos
Libna Figueiredo da Silva, 41 anos
Luiz Dias do Nascimento, 66 anos
Marcos Cardoso de Souza, 39 anos
Maria do Socorro Alves da Silva, 64 anos

Maria Helena Borges Florindo, 79 anos
Raimundo Carneiro de Castro, 69 anos
Ravy Aparecido de Jesus, menos de 1 ano

» Gama

Milena da Silva Cavalcanti, 12 anos

» Planaltina

Clara Maria dos Santos, 82 anos
Raimundo Pereira da Costa, 89 anos

» Brazlândia

Claudeano Sousa Queiroz, 39 anos

» Jardim Metropolitano

Manoel Igreja Mascarenhas, 80 anos (cremação)
Alfredo Granemann de Moraes, 95 anos (cremação)
Alberto Toshio Tanaka, 68 anos (cremação)